

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima

GAZETA MERCANTIL

Quinta-feira, 18 de março de 1993

DIRETORIA

Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes
Henrique Alves de Araújo
José Andretto Filho
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres

Página 4

Seria arriscado afirmar que o País se encaminha para a retomada do crescimento, mas já surgem os primeiros e tão bem-vindos indícios de reativação da economia. Segundo a Cia. Energética de São Paulo (CESP), houve um salto de 24% nas médias diárias de consumo de energia para fins industriais no curto e agitado mês de fevereiro deste ano. No primeiro bimestre de 1993, informa ainda a CESP, as suas vendas de eletricidade chegaram a 696,130 mil megawatts-hora, o recorde para o período nos últimos cinco anos.

Aumenta também o consumo nacional de derivados de petróleo. No primeiro bimestre, ele foi insignificante em comparação com janeiro-fevereiro do ano passado, com um crescimento de apenas 0,2%. Mas em fevereiro, tomado isoladamente, houve uma significativa reação: o País consumiu 1,202 milhão de barris de petróleo por dia, 4,5% mais do que em janeiro.

Outro dado significativo. Graças ao maior número de lançamentos de edifícios, visando ao comprador de poder aquisitivo pequeno ou médio, o nível de emprego na construção civil cresceu 0,79% em São Paulo, depois de nove meses de quedas consecutivas.

Econ - Brasil Bem-vindos indícios de reativação

Não se fala ainda em recuperação desse setor, mas é sensível a melhora do movimento nas lojas de material de construção. Em todo o País, informa o Ministério do Trabalho, o emprego na economia formal cresceu 0,19% em janeiro, o melhor resultado desde setembro de 1991.

Sem exagerado otimismo, a expectativa é de que o tímido aquecimento que os indicadores diversos mostram tenha continuidade e ganhe força ao longo dos próximos meses. Não se espera que venha aí uma poderosa vaga de consumo, e não há motivo para isso, mas uma aceleração gradual do ritmo de atividade, que poderá significar o começo do fim da pior recessão da história recente do País.

Na avaliação de alguns, a reativação deveria ter tido início já no segundo semestre de 1992, não fora a grave crise política por que passou o País. Se o adiamento foi desgastante, reconhece-se que, pelo menos, o País não descambou para a hiperinflação.

Hoje, predomina entre os empresários o sentimento de que, se os negócios puderem evoluir sem sobressaltos, a economia poderá entrar nos trilhos. Se o governo tem ainda um déficit de credibilidade, que só poderá ser corrigido com o passar do tempo, percebe-se que a economia brasileira não é inadministrável. As exportações vão bem, as reservas cambiais são elevadas até demais, o País acaba de fechar um histórico acordo com os bancos internacionais privados, o processo de privatização que parecia soçobrar vem sendo retomado e há meios e modos para colocar as contas públicas em ordem para fazer retroceder a inflação. Se as autoridades não se perderem em mesquinhas, o clima pode desanuviar-se, atraindo mais investimentos internos e externos.

Não são poucos, na realidade, os empresários hoje preocupados com o empecilho que as deficiências de infra-estrutura podem representar para o desenvolvimento em futuro próximo. Recordar-se que, durante décadas, a

adequação da matriz energética às exigências do crescimento centralizou a atenção dos técnicos e planejadores brasileiros. Sem dúvida, não houvera o País ingressado em uma recessão tão profunda, sofreria hoje uma desastrosa escassez de energia.

Observa-se que, apesar de tudo, iniciativas de grande importância vêm sendo tomadas na área energética, entre as quais citariamos a construção projetada de um gasoduto para a importação de gás natural da Bolívia e os entendimentos para trazer gás também da Argentina. No setor público, hidrelétricas vêm sendo tocadas aqui e ali e a produção nacional de petróleo vem crescendo.

É pouco, na verdade, em face das imensas carências do País, não só em infraestrutura como também na área social. Mas é confortador verificar, neste momento, que há empreendedores que não se detêm diante dos desafios. Uma curta nota de jornal é reveladora desse espírito: as obras da Ferrovia Norte-Sul, ou Ferronorte, conduzidas pelo grupo Itamarati, com financiamento do BNDES, vêm marchando a um ritmo de 10 quilômetros por mês.